

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

JAMILE DE SOUZA NOVAIS

DA ORALIDADE À ESCRITA:  
“O QUE NÓIS FALA NÃO SI ESCRIVE.”

SÃO PAULO-2011

JAMILE DE SOUZA NOVAIS

DA ORALIDADE À ESCRITA:  
“O QUE NÓIS FALA NÃO SI ESCRIVE”

Monografia apresentada à Universidade Católica de São Paulo para a obtenção do título de Especialista em Língua Portuguesa, orientada pela Profª Ms. Valeuska França Cury Martins .

SÃO PAULO-2011

NOVAIS, Jamile de Souza. *Da oralidade à escrita: o que nós fala não si escreve*. São Paulo, 2011.

Monografia (Latu- Sensu) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011

1. Análise do Discurso    2. Oralidade e escrita    3. Sociolingüística

A Deus por ter me dado pais maravilhosos que me ensinaram a importância de ter fé e sempre me incentivaram em todos os âmbitos de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus Pai por ter me dado vida e junto a uma família excepcional que sempre me auxiliou em todos os momentos.

Agradeço à minha mãe por ter me incentivado a buscar sempre mais conhecimentos, por estar ao meu lado em todos os momentos, não ter me deixado desanimar jamais e por sempre ter sido um exemplo de superação e amor.

Agradeço ao meu pai por toda a paciência dispensada, por me ouvir e comentar meus trabalhos; agradeço , também , por ter tornado meu sonho de ser professora realidade e, ainda mais, incentivar meu estudo e ter priorizado ele em nossas vidas.

Agradeço a Prof<sup>a</sup> Ms. Valeuska França Cury Martins pela dedicação e conhecimentos compartilhados; por ter me acalmado e direcionado em todos os momentos com grande sabedoria e delicadeza.

Agradeço aos funcionários da Livraria Cortez ao lado da PUC – Monte Alegre pela dedicação e comprometimento nas buscas das referências necessárias para o desenvolvimento do trabalho.

Agradeço aos meus colegas de pós graduação que mesmo distantes fisicamente se fizeram presente no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa.

Enfim agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho e de mais uma fase da minha vida acadêmica.

## **RESUMO**

O presente trabalho é resultado da análise de 10 redações de alunos de 7º ano da Rede Pública Estadual do Município de São Bernardo do Campo, em São Paulo. Objetivando encontrar as marcas de oralidade de maior frequência nas produções, utilizamos da análise do discurso para construção de categorias de análise que foram tratadas de maneira superficial, individualmente, para depois constituírem um panorama geral que nos permitiu refletir a respeito das interferências da modalidade oral na escrita e suas possíveis causas; a partir desse ponto, traçamos abordagens alternativas que poderão permitir a diminuição das marcas encontradas.

## **ABSTRACT**

This work is the result of analysis of 10 essays from students in the 7th year of the Public State of São Bernardo do Campo, in Sao Paulo. In order to find marks of oral language that appears more frequently in their productions, we have considered the analysis of discourse to construct categories of analysis that were treated in a general way, then individually to form a general view that allowed us to think about the difficulties of differentiating between oral and written form and its possible causes. Based on these considerations, we draw some alternative approaches that may reduce the marks found in oral spelling.

Keywords: Discourse; Oral Modality; Writing Modality, Portuguese Language Teaching.

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

<b>1-ANÁLISE DO DISCURSO .....</b>	<b>16</b>
1.1 Várias perspectivas .....	16
1.2 Discurso e mudança social.....	18
1.3 Fatores do discurso.....	19
1.3.1 Contexto.....	19
1.3.2 Sujeito.....	20
1.3.3 Identidade.....	20
<b>2-MODALIDADES DISCURSIVAS.....</b>	<b>21</b>
2.1 Letramento.....	22
2.2 Fala.....	22
2.3 Oralidade.....	23
2.4 Escrita.....	25
<b>3-CATEGORIAS DE ANÁLISE.....</b>	<b>28</b>
3.1 Análise dos textos.....	30
3.2 Tabela geral.....	48
<b>4- PROPOSTAS.....</b>	<b>49</b>
<b>CONSIDERAÇÕES.....</b>	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>56</b>

## INTRODUÇÃO

A necessidade de comunicação é inerente ao ser humano. Ela é estabelecida por meio da fala, da escrita ou da gesticulação. Essas instâncias possuem características próprias que se adequam a contextos específicos.

Atualmente, não são poucos os estudos que tratam da oralidade, escrita e suas características; alguns estabelecem relação e limites entre as duas instâncias. Contudo a temática oralidade em textos escritos, em sua grande maioria, é abordada em teses com caráter analítico.

Por meio desta pesquisa, pretendemos, além de identificar as marcas de maior frequência e suas possíveis causas, possibilitar reflexões sobre as atuais abordagens no ensino da língua escrita e conceber ou reestruturar essas diretrizes.

Consideramos que as manifestações interacionais são formas diferentes de discurso; uma prática ativa governada por regras que definem o que pode ou deve ser dito. Ele deve ser contextual, pois evidencia um posicionamento do sujeito diante do mundo por meio de produções orais/ escritas que, em diferentes situações, assumem efeitos de sentido distintos.

Constantemente discursamos sob regras, tal qual o médico ao fornecer um laudo drástico; ou uma professora ao comunicar à família algo delicado. Ambos buscarão no padrão discursivo a maneira mais adequada para realização da enunciação.

A linguagem, instrumento concretizador da prática discursiva, não é apenas a representação do mundo, mas também a significação e reconstrução do mundo em significados. É a língua mediando o homem e seu meio social e natural, por isso a linguagem é influenciada pelos aspectos subjetivos de cada indivíduo, ou seja, seus fatores psicológicos, sociológicos e físicos.

Os limites entre os códigos/significantes podem agravar a falta de assimilação das convenções discursivas, visto que os sujeitos assumem diversas posições em contextos diferentes.

A prática discursiva envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, e a natureza varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com os fatores sociais.

“A mudança discursiva ocorre por meio de dilemas. A intertextualidade permite a criatividade como opção, pois há um cruzamento de fronteiras, onde ocorre a combinação.” FAIRCLOUGH (2001, 127)

Sob o foco de Fairclough, a mudança discursiva em relação à mudança social e cultural, as origens e as motivações imediatas que as criam no evento comunicativo estão nos dilemas das convenções para os produtores ou intérpretes. Os produtores enfrentam os dilemas por meio da criatividade que resulta em pequenas mudanças/ grandes mudanças discursivas que envolvem mescla ou transgressão de fronteiras.

Esse fator é de suma importância, pois constataremos os possíveis dilemas que provocaram as mudanças discursivas dos alunos dentro da modalidade escrita.

No aspecto textual do discurso, as mudanças deixam marcas, pois o produto nada mais é do que mescla de outros discursos. Essas marcas podem ser estilos formais e informais, vocabulários técnicos e não-técnicos, marcadores de autoridade e familiaridade, formas sintáticas típicas da escrita e da oralidade, intertextualidade e etc.

Fairclough (2001:100) sugere uma análise tridimensional, explicando que qualquer evento ou exemplo de discurso pode ser considerado, simultaneamente, um texto (análise linguística), um exemplo de prática discursiva (análise da produção e interpretação textual) e um exemplo de prática social (análise das circunstâncias institucionais e organizacionais do evento comunicativo).

Assim, pode-se afirmar que nenhum discurso é neutro ou único, pois tem caráter comunicativo com cunho ideológico e reúne em si reimpressões e releituras que variam de acordo com os fatores subjetivos e a necessidade do interprete.

Haja vista que, embora a subjetividade esteja presente nos discursos, este é regido por regras que definem aquilo que se espera em uma determinada situação, ou

seja, mesmo que o discurso tenha as características do indivíduo, ele não poderá ser articulado de modo que infrinja os moldes contextuais; assim sendo mesmo que os alunos deixem impressas suas opiniões e vivências, não poderão perpassar ou mesclar as características das modalidades de modo que as comprometa.

Isto posto, devemos enfatizar que serão abordadas as modalidades oral e escrita, para tal consideramos que a fala é anterior à escrita, pois é desenvolvida através da interação presencial dos participantes; já a escrita é adquirida gradativamente e, sendo assim, não acessível a todos.

A caracterização da oralidade é um dos primeiros fatores a serem esclarecidos, pois a partir dela poderemos encontrar as marcas da conversação em gêneros escritos. Afirma-se que a língua oral é espontânea, desprendida da norma culta, com utilização de variações linguísticas.

Urbano (2000) afirma que a língua falada/oral não se caracteriza simplesmente pela competência da verbalização, mas também por tudo que envolve a interação. Tais quais pausas, paráfrases, ritmos, gesticulações e marcas específicas da conversação. Marcuschi (2007) divide essas marcas em três recursos dos quais atentamo-nos ao *verbal*, pois não depende da interação face a face, podendo refletir em textos escritos.

Convém ressaltar que o texto oralizado, como afirma Koch (2002), não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditas pelas circunstâncias sociocognitivas de sua produção e é à luz dela que deve ser descrito e avaliado.

Ao levar em conta as observações sobre a língua escrita, Rodrigues enfatiza o distanciamento entre os interlocutores (autor e leitor) e a questão temporal dessa produção; ao contrário da conversação na língua falada, na escrita os interlocutores não alternam os papéis; desta maneira a linguagem deve ser clara, objetiva, com maior planejamento, havendo reestruturação.

Segundo Perini (2003), não escrevemos o que falamos e nem falamos o que escrevemos. Enquanto falamos, organizamos frases que fogem à gramática normativa, sem considerar, ainda, os elementos orais, responsáveis pelo

preenchimento de lacunas (*aa, né?, hum*) (eu os deixei em itálico para demonstrar que são marcas) que na escrita não são aceitos.

Essas reflexões sobre as diferenças entre língua falada, língua escrita e discurso fornecem um panorama geral da diversidade na produção de cada uma bem como seus resultados e usos que estarão de acordo com o gênero textual em questão. Esse definirá o tipo de discurso, fornecendo características, tais quais a aceitabilidade das marcas de oralidade.

Convém ressaltar que a aquisição da língua materna escrita tem sido preocupante, pois apesar de anos de escolarização dos alunos das escolas estaduais pesquisadas, em São Bernardo do Campo, não demonstram conhecimentos básicos dos mecanismos, propriedades e funções dessa modalidade.

Os professores de língua materna, ao lerem textos dissertativos produzidos pelos alunos, deparam-se com algumas irregularidades que se desviam dos padrões solicitados pela tipologia.. Deparamo-nos com esse contexto dentro da sala de aula em que lecionamos, mesmo com a preparação da aula e explicação sobre gênero e linguagem a ser utilizada, os alunos reproduziam marcas orais nas produções textuais. Essa ocorrência nos despertou muita curiosidade, pois não se limitava a um grupo restrito, mas sim, à maioria. E a tentativa de entender os motivos que fundamentaram tal acontecimento nos direcionou ao presente trabalho de pesquisa científica que, a princípio, limitou-se à observação dos fatos tal como ocorrem, percebendo e analisando as relações estabelecidas, sendo assim uma pesquisa de campo que também se enveredou ao campo experimental, visto que criamos condições para interferir no aparecimento ou na modificação dos fatos mencionados, para poder explicar o que ocorre com fenômenos correlacionados.

Para o desenvolvimento do presente trabalho, selecionamos aleatoriamente 10 produções escritas dos alunos de 7º anos frequentadores de uma escola de tempo integral da rede pública estadual do ABC, São Paulo. Optamos por essa série, pois faz parte das séries iniciais do ciclo fundamental II e, principalmente, porque, posteriormente, pretendemos fazer uma análise comparativa entre essas produções e as produções que serão realizadas pelos mesmos alunos nas séries finais.

Optamos por uma escolha aleatória, pois desta forma não nos limitaríamos a pequenos grupos com características muito semelhantes; a aleatoriedade nos permite ter uma panorama geral das ocorrências, possibilitando a observância de casos diferentes e, por consequência, resultados diferentes.

A professora responsável pela aplicação e desenvolvimento dessas produções (pesquisadora) discorreu sobre o conceito de relato, conforme se observa na Proposta Curricular de Língua Portuguesa do Estado de São Paulo.

Explicamos que, em nosso cotidiano, relatamos fatos, experiências, descobertas, viagem, tal qual quando contamos o que aconteceu no final de semana, ou uma história;

Evidenciamos que o *relato* está associado essencialmente à apresentação de informações e isso nos permite identificar a característica e função do relato que é informar; para tal caracteriza-se pela apresentação ou enumeração de informações básicas sobre um acontecimento.

Exemplos: diários íntimos, diários de viagem, notícias, reportagens, crônicas jornalísticas, relatos históricos, biografias, autobiografias, testemunhos, relato de experiências vividas etc. Acerca dos exemplos mencionados, durante o ano letivo os alunos estudaram e produziram relatos de vida, diário, notícias e reportagens, das quais selecionamos os relatos de vida e notícias.

Dentro do relato, há alternância de tipologias, ora predomina a narração, ora a descrição e a dissertação, contudo observou-se que o gênero discursivo relato, em sua grande maioria, apresenta as mesmas características da narração, contudo o relato não tem por obrigação apresentar complicação/clímax, estes são obrigatórios na produção narrativa.

Segundo CABRAL, os elementos que, sucintamente explanados, compõem a narrativa são:

- foco narrativo (1º e 3º pessoa): perspectiva sob a qual a história é contada; 1º pessoa quando o narrador participa da história que é escrita sob o ponto de vista do “eu”. Já a 3º pessoa ocorre quando o narrador sabe de todos os acontecimentos, contudo não participa da história. Ex: “Ele atravessou a avenida e.....”;
- personagens : são seres agentes que estão envolvidos de maneira direta ou indireta.

- Narrador (narrador-personagem, narrador-observador).: Narrador personagem ocorre quando o texto está escrito em 1º pessoa;
- tempo: quando acontece a história;
- espaço: Local onde acontece a história.

A narrativa ainda abrange clímax/ complicação e desfecho , fatores não obrigatórios no relato.

No momento em que se vai expor um relato, a informação deve estar clara e organizada, distribuída em:

- introdução: deve localizar o leitor no tempo, espaço, além de apresentar os personagens principais de acordo com suas ações;
- desenvolvimento: por meio das ações das personagens, constrói-se o conteúdo informativo, ou seja, neste plano deve-se expor o conteúdo informativo;
- conclusão: existem muitas formas de se concluir um relato desde uma frase que resuma o texto, uma moral, uma resolução.

Destacamos que a produção escrita deve ter coerência e coesão, aplicamos exercícios durante o ano e enfatizamos que, na produção escrita, em análise, seria solicitada a norma padrão do português brasileiro, pois já era de conhecimento deles as outras variantes e seus espaços no contexto escolar.

Os alunos tiveram uma hora e cinquenta minutos para redigirem um relato de tema livre, contudo sugerimos alguns temas tais como: 'experiência no trânsito', 'bebida e direção', 'problemas escolares', 'violência', pois estas temáticas foram abordadas durante o ano vinculadas à vivência de cada um.

Em consequência aos dados e às produções, cabem as reflexões: quais são as marcas de maior frequência? E ainda, como trabalhá-las em sala de aula?

Com vistas a atingir os objetivos arrolados acima, esta monografia está estruturada da maneira descrita a seguir.

Na introdução, apresenta-se entre outros, o tema, sua importância a hipótese e o objetivo da monografia.

No primeiro capítulo, apresentam-se as diferentes perspectivas da análise do discurso, bem como os fatores que influenciam direta ou indiretamente no produto discursivo.

Já no segundo capítulo, tratamos das modalidades oral/escrita tais como suas características e especificidades.

No terceiro capítulo, traçamos e explicamos as categorias para análise dos textos, que disponibilizamos no mesmo capítulo ,seguidos de uma análise geral.

No quarto capítulo, elaboramos propostas a serem realizadas dentro da sala de aula para que possa diminuir / extrair as marcas de oralidade desnecessárias nas produções textuais.

Na conclusão, apresentamos as considerações finais do trabalho ou iniciais aos que seguirão por essa vertente.

As referências reúnem todas as bibliografias e sites lidos ou consultados para que a pesquisa fosse desenvolvida e bem fundamentada.

## **ANÁLISE DO DISCURSO**

### **1.1- VÁRIAS PERSPECTIVAS**

A Análise do discurso foi estudada por meio de diversas linhas teóricas que fundamentaram abordagens das quais sintetizamos aquelas encontradas na obra de FAIRCLOUGH (2001):

Labov e Fanshel se atentaram a heterogeneidade do discurso, em comum acordo com Goffman, afirmaram que a mudança do discurso é realizada entre molduras sociais (configuração de estilos) que fazem parte do aspecto normal da conversação. Havendo um estilo conversacional familiar, um estilo para entrevista; contudo não levaram em consideração a maneira com que esta heterogeneidade foi se formando por meio dos tempos, sociedades e do “eu” como sujeito.

Já na abordagem de Potter e Wetherell, a psicologia social é abordada como elemento que distorce e supre materiais lingüísticos, constituindo objetos e categorias, assim o que uma pessoa diz não é apresentado como estável ou permanente, pois modifica suas falas e sentidos segundo o contexto e a função; em certas vezes até mesmo o objeto se torna distorcido de acordo com avaliação do enunciador.

Por exemplo, ao elaborar uma justificativa, há certo posicionamento como enunciador, contudo quando assume o papel de enunciatário; essa mesma pessoa assume outro tipo de postura diante do primeiro discurso. Desta maneira a fala e o objeto são distorcidos, pois há uma variável do “eu” no discurso.

Essa abordagem passa a atenção da variabilidade dos conteúdos (Labov e Fanshel) para a maneira como as pessoas modificam o discurso de acordo com o ouvinte ou local, sendo assim variabilidade lingüística.

A Linguística crítica foi uma abordagem desenvolvida por um grupo da Universidade de East Anglia na década de 70, visando à análise do funcionamento da linguagem em processos políticos e ideologias, recorrendo a teoria lingüística funcionalista associada a Michael Halliday (lingüística sistêmica). Assim, rejeitaram a dissociação entre conteúdo e forma de expressão e o tratamento dos sistemas lingüísticos como autônomos.

Referindo-se à primeira rejeição, afirmam que a linguagem é como tal devido a sua função social e sua variação corrente será correspondente à posição social do falante, logo a linguagem incorpora impressões do mundo e ideologias.

Quanto ao segundo dualismo, concordam com Halliday que vê a gramática como catálogo de opções, em que os falantes selecionam o que deve ser dito e a forma de acordo com as circunstâncias.

Contudo a linguística crítica enfatiza o texto sem dar muita relevância à interpretação e à análise que estabelece relação entre texto e meio social, resultando em atos mecanicistas, pois se restringe a um elemento de análise por vez, sem muitas relações de texto e leitor, possíveis interpretações ou mudanças discursivas alteradas historicamente. Esse fato dá margem à necessidade de se desenvolver uma teoria do gênero discursivo.

A abordagem de Pêcheux tenta combinar uma teoria social do discurso com a análise textual de produções políticas, fundamentado na teoria marxista da ideologia de Althusser que enfatiza a contribuição da ideologia para reprodução ou transformação do cenário econômico.

A ideologia ocorre por meio de instituições ou posições sociais e ao mesmo tempo em que é algo moldurado, fornece a ilusão de que os envolvidos nas instituições sejam agentes livres. Ou seja, em uma instituição escolar os professores acreditam que são agentes livres para terem suas ideologias, contudo estas ideologias diversas estão inseridas na constituição escolar, assim sendo não foge ao padrão esperado tornando-se assim, apenas uma variação da ideologia institucional.

Pêcheux sugere que cada posição incorpore uma formação discursiva, ou seja, em cada posição o sujeito dirá o que se espera ser dito, ou ainda o que pode ser dito. Em seu trabalho o autor apresenta uma análise crítica, contudo se restringe a orações, palavras chave; há uma visão unilateral dos sujeitos como efeito, pois não são tratados como modificadores de suas ações e da base da sujeição.

A segunda geração alterou alguns aspectos na abordagem, o interdiscurso passou a ser tratado como um processo de reformulação que possibilita mudanças na forma de expressão ideológica emergindo uma função dialética, porém não se estendeu a análise de textos, permanecendo no plano das orações.

Convém esclarecer que a trajetória acima sobre a análise do discurso teve papel primordial para a escolha de uma abordagem, pois optamos por uma perspectiva dialética entre discurso e sociedade.

## **1.2- DISCURSO E MUDANÇA SOCIAL**

Michel Foucault popularizou a análise do discurso como método, abordando discurso e poder, a construção discursiva entre sujeitos sociais e o funcionamento do discurso na mudança social. Em suma, focalizou o discurso como parte do conhecimento e elemento modificador do mesmo.

Fundamentado na teoria de Foucault, Fairclough propõe a análise de discurso textualmente orientada (ADTO) em que se considera a relação entre sociedade, sujeito, objeto, as formas linguísticas textuais e práticas interdiscursivas (intertextualidade) que é a prática discursiva por meio de outros textos.

A ADTO "busca uma análise que focaliza a variabilidade, a mudança e a luta; variabilidade entre as práticas e heterogeneidade entre elas como reflexo sincrônico de processos de mudanças históricas que são moldadas pela luta entre as forças sociais" (Fairclough, 1992).

A relação entre discurso e sociedade tem natureza dialética, pois o discurso é reflexo de uma realidade intrínseca e é representada de forma idealizada, como fonte social. A constituição discursiva de uma sociedade decorre de uma prática social que está, seguramente, arraigada em estruturas sociais concretas dos indivíduos.

*Em cada sociedade, a produção de discurso é imediatamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos, cujo papel é tutelar seus poderes e perigos, domesticar suas casualidades, escapar da sua ponderável, materialidade. FAIRCLOUGH*

O autor considera a existência de regras na formação discursiva tais como: tempo, lugar, instituições; assim a produção discursiva é controlada para que se tenha sob controle as possíveis casualidades, dessa maneira, sempre saberemos o que pode e deve ser dito; contudo a forma como os discursos são expostos, as relações lexicais compõem uma carga ideológica e social capaz de expor quem é o sujeito enunciador e suas intenções.

Devido a isso, a análise do discurso não deve limitar-se a análises de enunciados, mas sim à especificação variável das formas discursivas.

### **1.3- FATORES DO DISCURSO**

Consideramos fatores do discurso alguns aspectos que podem moldar ou até mesmo influenciar a produção discursiva em suas modalidades.

#### **1.3.1- Contexto**

O contexto é um fator primordial para a realização e compreensão de um ato discursivo, pois por meio dele poderemos inferir pensamentos e conclusões.; a respeito do sujeito enunciador , da condição social e ideológica.

Os discursos são históricos e, destarte, só podem ser entendidos se em referência a seus contextos (FAIRCLOUGH, 2003).

Tomemos por exemplo o ato fúnebre realizado na Índia, em que o filho mais velho, no enterro do pai, deve quebrar o crânio deste a fim de que sua alma seja liberta. Diante do contexto cultural indiano é perfeitamente normal e admirável tal ato, contudo se apenas dissermos que “filho quebra crânio do pai” os brasileiros tomarão tal ato como barbárie.

O mesmo acontece com o ato discursivo, o contexto nos dirá o que falar e como falar, pois deverão ser levados em consideração os aspectos: social, cultural, étário, institucional, relação entre os participantes e situação comunicativa; pois somente

nesse lugar o discurso vai ter um determinado efeito de sentido, se for pronunciado em outra situação que remeta a outras condições de produção, seu sentido, conseqüentemente, será outro.

### **1.3.2- Sujeito**

Para Fairclough (2001), os sujeitos sociais são moldados pelas práticas discursivas, mas também são capazes de remodelar e reestruturar essas práticas.

O sujeito discursivo não tem identidade fixa ou estável, apenas é sujeito pelo discurso, pois este determinará quem ele é (médico, professor, mãe); um sujeito discursivo deve ser considerado sempre como um ser social, apreendido em um espaço coletivo (FERNANDES, 2005, p. 33).

Uma professora, ao se pronunciar no contexto de sala de aula, atenderá às convenções dessa situação discursiva; no entanto, quando estiver em um ambiente familiar, atuará como mãe/filha e atenderá às convenções desta situação discursiva e não da primeira.

Dessa maneira o sujeito não possui identidade fixa ou discurso próprio, pois ele é formado pelo contexto e pela situação discursiva; ao apresentar um discurso deveremos levar em consideração as polifonias, pois todo discurso está veiculado a discursos anteriores por meio da interdiscursividade ou intertextualidade.

### **1.3.3-Identidade**

A identidade discursiva é algo que sempre está em construção, na manipulação do imaginário sócio-discursivo e na organização enunciativa; é a postura do enunciador diante do que dirá, de modo que o que for dito não comprometa sua imagem ou credibilidade diante do seu interlocutor.

*Segundo as intenções do sujeito comunicante ou do sujeito interpretante, a identidade discursiva adere à identidade social formando uma identidade única “essencializada” (“eu sou o que eu digo”/“ele é o que ele diz”), ou se diferencia formando uma identidade dupla de “ser” e de “dizer” (“eu não sou o que eu digo”/“ele não é o que ele diz”). No último caso, ou se pensa que é “dizer” que mascara o “ser” (mentira, ironia, provocação), ou se pensa que o “dizer” revela um “ser” que ignora a si mesmo (denegação, revelação involuntária: “sua voz o traiu”). (PIETROLUONGO,2009)*

Portanto a identidade discursiva, também, tem a ver com a origem social, gênero, classe, atitudes, crenças de um falante; estas características podem perpassar a ‘máscara discursiva’ e trazer a tona a identidade social.

## **2. MODALIDADES DISCURSIVAS**

Constantemente realizamos atividades discursivas desde uma simples descrição à elaboração de hipóteses, que pode ser expressa por duas modalidades a oral e escrita.

As modalidades discursivas (oral e escrita) são regidas por um único código, no caso dos brasileiros, a Língua Portuguesa que as faz serem semelhantes em alguns aspectos estruturais e lexicais. Contudo, convém ressaltar que os fatores extralingüísticos influenciam na eficiência interacional, pois implicam a variação linguística PRETI (1987):

- contextuais: assunto, tipo de ouvinte, local onde o diálogo ocorre e relação entre os participantes;
- geográficos: envolve variações regionais;
- sociológicos: são variações provenientes da idade, sexo, profissão, nível escolar, localização e raça; são fatores que podem caracterizar ou modificar o tipo de linguagem.

Eles auxiliarão na compreensão do motivo pelo qual se tornam frequentes certas marcas conversacionais, pois consideraremos a faixa etária, nível de escolaridade, sexo, situação enunciativa, relação entre leitor a fins de análise das produções textuais.

Recentemente tem-se discutido sobre as distinções entre as modalidades discursivas: “Oralidade e Letramento” e “Fala e Escrita”. MARCUSCHI (2004) caracteriza a oralidade por meio da produção sonora nos mais diversos tipos de gêneros textuais, enquanto o Letramento consiste nas diversas práticas sociais envolvendo a produção escrita.

Já a fala é uma das formas de produção textual que se utiliza da forma oral e, portanto, está inserida na oralidade, enquanto a escrita é uma forma de produção textual que utiliza elementos gráficos, situando-se dentro das práticas de letramento.

## **2.1-Letramento**

Trata-se da prática social ligada ao uso da escrita, um processo de aprendizagem social e histórica de leitura e da escrita em contextos informais e para usos utilitários, por isso é um conjunto de práticas. Não se fundamenta apenas na alfabetização, pois vai além da escrita; é a capacidade de interagir socialmente, por meio de conhecimentos que são básicos para sua contribuição social tais como, reconhecer o valor de dinheiro, interpretar gráficos, reconhecer os produtos por suas marcas/ logotipos.

O letramento é a significação da leitura e escrita na vida de um indivíduo, de modo que o torne capaz de agir, compreender, ler e interpretar as diferentes maneira de se obter ou produzir informação, devido a isto o letramento vai além da decodificação de signos e da alfabetização.

## 2.2- Fala

A fala é adquirida naturalmente em contextos informais e nas relações sociais estabelecidas gradativamente, portanto é o primeiro instrumento socializador que permite interação entre os indivíduos de uma instituição ou sociedade.

Segundo KOCH & SILVA fala é a realização, por parte do indivíduo, das possibilidades que lhe são oferecidas pela língua. É, portanto, um ato individual e momentâneo em que interferem muitos fatores extralinguísticos e no qual se fazem sentir a vontade e a liberdade individual.

Caracteriza-se pela emissão de sons articulados e significativos que se utilizam do aparato disponível pelo próprio corpo do ser humano, para fins comunicativos de modalidade oral, devido a isto possui as mesmas características da oralidade, contudo a oralidade pode ser considerada como o aprimoramento da fala, pois ao oralizar atentamo-nos a diversos aspectos, como entonação e pausa que serão determinadas pelo gênero oral utilizado e a situação comunicativa.

## 2.3- Oralidade

URBANO (2000) afirma que a língua falada/oral não se caracteriza simplesmente pela competência da verbalização, mas também por tudo que envolve a interação. Tais quais pausas, paráfrases, ritmos, gesticulações e marcas específicas da conversação.

Segundo RODRIGUES (1993, p. 18):

*A conversação é um evento de fala especial: corresponde a uma interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção para uma tarefa comum, que é a de trocar idéias sobre determinado assunto.*

*Conversação natural, que ocorre espontaneamente no dia-a-dia, dá-se face, presentes os dois falantes, ao mesmo tempo, em um mesmo espaço. Na situação de diálogo, os interlocutores alternam seus papéis de falante e ouvinte, e*

*dessa atividade a quatro mãos resulta o texto conversacional, elaborado em uma determinada situação de comunicação. Todo evento de fala acontece, portanto em um contexto situacional específico, aqui entendido como o ambiente extralingüístico: a situação imediata, o momento e as circunstâncias em que tal evento acontece, envolvendo, inclusive, os próprios participantes com suas características individuais e possíveis laços que os unam.*

Os marcadores conversacionais se posicionam, de modo geral, antes ou depois das unidades conversacionais com o intuito de organizar e direcionar a conversação possui é um recurso de função articuladora ou estruturadora.

Devemos salientar que o presente estudo não visa discorrer a respeito dos marcadores conversacionais, pois se trata de uma temática extensa e complexa. Visamos fomentar base para que sejam observadas nas produções ocorrências orais, tais como os referidos marcadores em sua parcialidade.

MARCUSCHI, ao abordar a temática, os divide em três recursos: verbais, não-verbais, supra-segmentais neste estão incluídas as pausas. Os *verbais* formam uma classe de palavras ou expressões altamente estereotipadas, de grande ocorrência e recorrência, contudo sua significação é nula. Tais como “sabe”, “eu acho que”, sem mencionar os não lexicalizados como “ahn ahn” e “ehh”.

Os *não verbais* referem-se à expressão facial, gesticulação, enfim, posturas físicas que são indispensáveis em toda e qualquer comunicação. E os recursos *supra-segmentais* são de natureza linguística, mas não de caráter verbal, por exemplo, as pausas e o tom de voz.

Demos relevância às pausas de ligação, pois elas têm intuito de conectar informações atribuindo relação a elas; geralmente representa sinal do falante com a finalidade de orientar o ouvinte em uma unidade conversacional. São exemplos “ai”, “então”, “tipo assim”.

Ao nos referirmos à estrutura, consideramos que o texto falado/oralizado de evento comunicativo constitui-se de alguns aspectos que determinam a especificidade do evento discursivo, tais como:

- situação discursiva: formal ou informal;
- evento da fala: casual, espontâneo, profissional, institucional;
- tema do evento: casual ou prévio;
- participantes: idade, sexo, profissão, escolaridade, posição social;
- relação entre participantes: amigos, conhecidos, desconhecidos, parentes;
- canal utilizado: televisão, rádio, face a face, telefone, internet.

Portanto, a mudança opcional de um dos tópicos apresentados modificará o contexto discursivo, a criação e o desenvolvimento do assunto.

O ato conversacional (interação verbal centrada na troca de idéias sobre um determinado assunto) é iniciado por um tópico introdutório e com o desenvolvimento deste tópico ocorre um redimensionamento por parte dos participantes que alternam turnos e tópicos no eixo temporal em que os participantes expõem as marcas deixadas pela formulação e pelas reelaborações, oferecendo pistas e traços de revisão e procedimentos como correção, paráfrase, repetição.

A unidade espacial define a conversação oral como aquela que dialoga face a face (imediatista como por telefone, internet, rádio amador) que pode empregar facilmente os dêiticos e recursos de expressão visual tais como gestos, expressões faciais.

Considerando os dados acima, podemos concluir que o discurso oral é espontâneo, momentâneo, com recursos próprios capazes de prender e alternar a atenção entre enunciador e enunciatário, de modo que ambos possam discorrer a respeito do tópico traçado e trocá-lo quando julgarem conveniente. Além de evidenciar as marcas identitárias, sociais e lingüísticas deixadas em tal discurso, essa modalidade não permite o apagamento do que já foi dito, mas sim a reelaboração. A modalidade oral é caracterizada pela interação em seu curso, mostrando as marcas lingüísticas de seu planejamento.

## 2.4- Escrita

A escrita, como bem afirma MARCUSCHI, não pode ser entendida como a representação gráfica da fala, porque ela não consegue reproduzir muitos dos fenômenos orais como movimentos do corpo, gestualidade entre outros. Seria um modo de produção textual-discursiva caracterizada pela sua materialidade gráfica.

Segundo RODRIGUES (IN PRETI), o texto escrito, ao contrário do oral, não deixa marcas do seu processo de planejamento, ele é apresentado como um todo coeso, acabado com frases mais densas e sintaticamente complexas.

O autor e leitor não ocupam o mesmo tempo e espaço, como na modalidade oral, há uma distância entre o ato de elaboração e leitura. Não há alternância de papéis, assim há uma ação unilateral, pois o autor por meio de sua produção agirá sobre o leitor, contudo este não poderá fazer o mesmo no momento em que lê a produção.

BARROS (2006) afirma que a questão do tempo possibilita à escrita a reelaboração do texto, possibilitando o apagamento de hesitações e erros.

Quanto à criação e desenvolvimento do assunto, na escrita ocorre o desenvolvimento de um determinado tema que, pensando no âmbito escolar, é imposto pelo professor. Geralmente não há uma preparação do discente quanto ao assunto, então eles ficam sem o que escrever, pois seu conhecimento é restrito. Ainda há aqueles docentes que pedem o desenvolvimento de um tema livre; os alunos deparam-se com uma gama de possibilidades e mais uma vez ficam perdidos em formas e conteúdos.

O texto escrito tem seu destinador e seu destinatário centrados em um mesmo espaço que é de comum conhecimento entre os participantes. É planejado antes de sua realização, não apresenta marcas de formulação e de reformulação.

Ele é estruturado por parágrafos que se diferenciam de acordo com a diversidade do texto. Assim, um texto argumentativo, poderá ser composto por parágrafos narrativos (quando argumento de exemplificação), argumentativo ou descritivo.

*“A construção de um parágrafo bem estruturado exige que este apresente unidade, coerência, concisão e clareza, visto tratar-se de uma interação à distancia, em que não há possibilidade de participação direta e imediata dos interlocutor, como ocorre no texto oral.”* FÁVERO.2009:29

O parágrafo pode ser reconhecido pelo espaço de entrada junto à margem esquerda, sua forma padronizada organiza-se como um pequeno texto com introdução, desenvolvimento e conclusão; estes são estruturados por léxicos/ vocábulos e orações.

Em virtude da ausência do interlocutor, a sintaxe se organiza de maneira clara e explícita; também é próprio da escrita o processo anafórico, pois a escrita permite ao leitor voltar ao texto na busca do referencial linguístico, por conta desses fatores é próprios da escrita a ocorrência de densidade lexical. Os léxicos estabelecem relação entre eles e verbos resultando em uma frase ou oração.

A oração é um mecanismo perfeito composto por lexemas suficientes para passar a mensagem e se fazer entender. O escritor faz escolhas, dentro da normatização de gêneros e discursos, de modelo e estruturas que resultam no significado maior, pois as orações se articulam entre si e estabelecem relação com o *corpus* textual.

A coesão é o modo como os componentes do universo textual conectam-se numa relação de dependência para a formação de clareza e linearidade, ou seja, trata-se dos processos que asseguram uma ligação textual. Isto se dá por meio de: vocábulo de campo semântico comum; repetição de palavras; uso de sinônimos próximos, uso de mecanismos de referencia e substituição; pronomes, artigos definidos demonstrativo, elipse; uso de conjunções.

“Seria perfeito ter essa vida perfeita que todo mundo gostaria de ter, pois pode ser perfeito.” (Fragmento retirado de um dos textos analisados)

A falta de coesão, nesse fragmento, é apresentada pela repetição do léxico ‘perfeito’ quando este poderia ser substituído por “sinônimos”.

A coerência textual é um fator fundamental para determinar a interpretação de uma produção textual. A falta de relações lógicas entre as ideias apresentadas, contradições e a ausência de conhecimento de contextos podem tornar um texto

incoerente, restringindo a comunicação.

Segundo KOCH & TRAVAGLIA (1998), a coerência está ligada ao estabelecimento de um sentido ao texto, ou seja, é um princípio de interpretabilidade, pois o autor deve proporcionar ao leitor subsídios para entender o real sentido do texto, isto deve se dar de maneira lógica. Devido a isto a construção da coerência depende dos fatores lingüísticos, cognitivos, culturais, interacionais; visto que dificilmente uma pessoa que não conheça a cultura de um escritor entenderá a mensagem que está sendo exposta.

“Todo mundo viu o mico-leão, mas eu não ouvi o sabiá cantar”

As orações abaixo relacionadas não apresentam uma relação lógica devido a isto é considerada incoerente.

“Todo mundo viu o mico-leão, mas eu não ouvi o sabiá cantar”

Contudo devemos considerar que se estas orações estivessem aplicadas a algum contexto em que expusesse a intenção do enunciatório em ver o canto do sabiá enquanto os outros ansiavam pelo mico-leão a coerência estaria estabelecida.

Isto posto, consideramos que apesar de se tratarem de modalidades distintas a oralidade e escrita não devem ser tratados de forma dicotômica, pois não são opostas uma a outra. Se as considerarmos insociáveis como explicaremos gêneros orais que são concebidos por meio de gêneros escritos? Assim sendo, cada modalidade tem maior predominância em determinados gêneros e desta forma torna-se mais adequada a contextos/ cotextos.

### **3- CATEGORIAS DE ANÁLISE**

Optamos por utilizar o modelo de Análise Discursiva de Fairclough, pois possui a finalidade de apresentar os fatores sociais e institucionais que envolvem a produção e consumo de textos. Contudo nos restringiremos a uma das três dimensões que a compõem: a Análise Textual.

Antes do início das análises, devemos esclarecer as categorias que serão utilizadas para análise dos textos, desta maneira a trajetória e os resultados serão melhor compreendidos.

Haja vista que, nas produções de textos escritos, há a predominância da variante padrão (a norma culta) que também se faz presente no gênero relato e tipologia narrativa; desta maneira observaremos alguns elementos que compõem a gramática normativa, responsável pelos estudos de norma culta e pelos manuais de ensino de língua materna.

A ortografia, segundo o dicionário Michaelis de Língua Portuguesa (2009), é a maneira correta de escrever as palavras. Já para Cunha e Cintra (2007), trata-se da regra da escrita das palavras dicionarizadas. São casos de erros ortográficos: “Ela ganhou seicentos reais no bingo.”, ou ainda “ Isso não é pobrema meu.”, contudo esses casos também podem originar-se na escrita fonética.

Segundo SILVEIRA (2008), fonética é o estudo dos sons linguísticos, ou seja, os sons emitidos pelo aparelho fonador que substanciam as formas fonológicas (traços invariáveis de uma língua).

Esta será uma ferramenta utilizada sob o ponto de vista Sociolinguístico, pois a escrita fonética (escrita da pronúncia) será um indicador do meio social ao qual pertence o sujeito. Os exemplos mencionados acima, tratam-se, também, de escrita fonética, em evidencia o ultimo caso, pois é uma variante da língua padrão utilizada por determinado grupo social.

Já a concordância é o princípio sintático em que as palavras se tornam interdependentes de modo que se flexionam de forma harmônica, ou seja, os adjetivos, pronomes, artigos e numerais devem concordar em gênero e número com o substantivo a que se referem (concordância nominal); mas também há a concordância verbal, em que o verbo concordará com o sujeito em número e pessoa. “Um exemplo de falta de concordância nominal seguida por verbal: “Os menino ganharam a competição” e “ A gente fomos passear juntos”.

Além da concordância verbal, nos atentaremos aos casos de flexão verbal que varia de acordo com o tempo, modo, pessoa e número. Quanto ao modo Silva & Koch elucidam:

*O modo indicativo, em seus vários tempos, exprime um grau elevado de certeza do falante perante o processo que enuncia. Já o subjuntivo, expressa atitude de incerteza, possibilidade ou dúvida. (2007)*

Ao mencionar o modo imperativo, as autoras o caracteriza como o modo que exprime atitude de ordem, solicitação ou súplica.

É de grande importância a caracterização dos modos, pois eles nos permitirão levantar inferências em relação aos papéis e às possíveis modalizações como instrumento caracterizador nas relações dos participantes.

Ainda a respeito da flexão verbal, focaremos conjugação adequada, contudo não nos estenderemos à explicação dos tempos verbais e suas desinências, pois nos desviaríamos um pouco da temática, mas quando houver o aparecimento de conjugações ou desinências inadequadas a pontuaremos e discutiremos a respeito.

Quanto à textualidade, consideraremos, além da coerência e coesão, o controle interacional e estrutura textual, onde será descrita a organização do texto, estratégias de polidez como forma de relação social entre os participantes, ethos (características que compõem o sujeito ou identidades sociais), tema, modalizadores e ainda faremos um levantamento do significado das palavras e colaboração para a caracterização do sujeito social.

Devemos reforçar que buscamos as manifestações orais nas produções textuais dos alunos de 7º ano e ainda, as possíveis causas destas ocorrências para que posteriormente possamos traçar ou rever novas abordagens.

Os resultados obtidos serão comparados com as informações contidas nas fichas sociais de cada aluno, contudo estas não poderão ser disponibilizadas no presente trabalho por falta de autorização da instituição de ensino.

### 3.1- Análise dos textos

Em um primeiro momento, analisaremos os textos individualmente atentando-nos às relações entre as ocorrências e as fichas sociais, faremos uma tabulação individual que estará em anexo e uma tabulação geral que fundamentará o levantamento geral.

#### TEXTO I

##### ***Se eu fosse um espelho***

*Se eu fosse um espelho eu viria as coisas tipo mágicas por que eu poderia conhecer as pessoas famosas, legais, modelos,*

*Seria legal também por que eu ia poder conhecer vários tipo de estilo, roupas.*

*Varias pessoas legal, chata, isibida, feia, bonita, rica, pobre, simples, mais que simples.*

*Seria perfeito te essa vida perfeita que todo o mundo gostaria de ter pois pode ser mágico ter esa pelo menos por um dia.*

A proposta feita pela professora não foi compreendida, pois além de se tornar repetitivo, não desenvolveu o gênero relato como solicitado.

O texto apresenta redundância, pois as orações não evoluem na construção de um parágrafo e este se torna repetitivo, um conglomerado de adjetivações em torno da ideia de ser um espelho.

A repetição e ruptura da linearidade são características da modalidade oral que também se faz presente por meio da escrita fonética ( “ pessoas legal’).

Embora possua predominância oral, há a tentativa de se estabelecer uma relação formal entre escritor e leitor; percebe-se isso pela utilização dos verbos no futuro do pretérito que é pouco usado fora dos padrões formais, porém essa tentativa é sobreposta pelo vocabulário e alguns deslizes de concordância

Nessa produção, foram encontrados léxicos que compõem o vocabulário juvenil, tais como legal, tipo (realizando papel de comparativo), logo concluímos que o aluno não tem familiaridade com a linguagem padrão de modo que lhe permita desenvolver uma temática utilizando-se das facetas dessa variante.

A influência do meio social sobre a produção é retratado por sua escolha lexical e pelas modalizações, tais como em 'pessoas mais que simples' quando, na verdade, referia-se a pessoas muito pobres ou miseráveis. Pela caracterização da vida perfeita como aquela em que se vêem pessoas legais e bonitas, esse dado nos permite inferir que esse perfil não faz parte do contexto social do aluno.

De acordo com a ficha social, esse aluno vive na periferia e apenas tem contato com a variante padrão dentro do âmbito escolar e, mesmo assim, de acordo com a ficha da biblioteca escolar não possui o hábito de leitura, pois não é incentivado pelos membros de sua família; talvez por isso a oralidade esteja tão presente em suas produções.

Texto I- Ocorrências	ORTOGRAFIA	FONÉTICA	FLEXÃO VERBAL	DIGRESSÃO	CONCORDÂNCIA
Fosse/fose	X	X			
Viria	X	X	X		
por que					
ia	X	X			
pode	X	X			
isibida	X	X			
esa	X				
engrasada	X				
Pessoas legal					X

  

Texto I	REPETIÇÃO	COESÃO
eu	X	X
Va´	X	X

## TEXTO II

### **historia de violencia**

*uma violência eu vi na rua um homem estava batendo ni uma mulher di pau a mulher chorando e correndo e um homem correndo atrás dela ai o homem pegou ela e bateu nela muito e ela desmaio ai o homem viu e ligo pra ambulância e levou a mulher eu também vi outra violencia tinha uma menino que mecheu com outro menino na escola e o menino foi contar pros amigos ai na fora da saida bateram no menino muito ai ele tentou correr mas não consegui os muleques cataram ele e bateram mais nele ai um homem viu e ligol pra policia ai os meninos fugiram ai as policia cataram eles dois fogiram mas eles não perceberam ai a policia descobriu que dois fugiram mas não pegaram eles eles se esconderam e pego os cartão do telefone um monte e fim.*

Já em “historia de violencia”, é evidente o ritmo conversacional, a sequenciação de fatos conectados pela partícula “ai” própria da linguagem oral, agora funcionando

como conjunção coordenativa. Além desta pertícula, há o aparecimento da escrita fonética ‘muleques’, ‘ni uma mulher’ e vocabulário próprio da variante não padrão, tal como ‘cataram’.

A relação aqui estabelecida é de informalidade, não há preocupação com erros ortográficos, paragrafação ou pontuação.

O aluno discorre o relato como se estivesse em um evento oral e informal, sem atentar-se às convenções que giram em torno da modalidade que está sendo usada.

Ao redatar este texto, ficou claro no semblante do aluno a dificuldade de expressão escrita, seu semblante no ato da escrita era de dificuldade; por várias vezes se levantou para perguntar se estava certo, mostrando preocupação da parte dele que atendeu a solicitação do gênero relato, contudo não soube adequar esse conhecimento de gênero à modalidade escrita, ficando preso à oralidade.

TEXTO II	ORTOGRAFIA	FONÉTICA	CONCOR DÂNCIA	REPETIÇÃO	COESÃO	PARAGRA FAÇÃO
Ni uma mulher	X	X				
di pau	X	X				
desmaio	X	X				
ligo	X	X				
Ambulância	X					
Mecheu	X					
Pros		X				
muleques	X	X				
cataram		X				
Ligol	X					
eles				X	X	
mulher				X	X	
homem				X	X	
As policia			X			

e				X	X	
E fim					X	
ai				X	X	

### TEXTO III

#### ***Se beber não dirija***

*A maioria das causas de acidentes são As bebidas alcoolicas que encontram nos carros de Pessoas comuns e Selebridades tem os testes do bafometro que pega as Pessoas que vão nas boates e bares, festas e que formam os assidentes igual a Cindsen Lohan foi pressa porcausa das bebidas aucoolicas que ela consimia quando dirigiam com seus amigos de pois de uma festa.*

*Quando prinsipalmente as sinalizações são mau feitas ai que causa os acidentes que as vezes causam ferimentos ou até pode matar o que esta embriagado e as pessouas que estão na frente do lado e atras. e é porisso que não pode beber e dirigir.*

Logo ao olharmos o texto, percebemos que não há paragrafação, tal qual o texto anterior, há pouquíssimos sinais de pontuação, mas em contra partida, utilizou-se muito do pronome relativo que não é característico deste ano; a repetição desenfreada de tal pronome caracterizou o “queismo” .

Outro dado relevante é a desordem sintática, a falta de organização de pensamentos que possibilitaram a construção de relações vagas de sentido, como em: ‘ A maioria das causas de acidentes são as bebidas que encontram nos carros ‘ , esta oração é muito vaga, pois a bebida por si não causa acidentes de trânsito, mas sim associada à direção causa acidentes.

Pode-se perceber que a linguagem padrão já faz parte da vida deste aluno, embora ele não saiba articular de maneira clara e organizada. As escolhas lexicais

reforçam esta afirmação, mesmo que apresentem erros ortográficos e escrita fonética que não comprometeram a tentativa de se estabelecer uma relação formal.

Verificam-se a falta de coesão e repetição de palavras e ideias, características da atividade conversacional que sempre retoma seu referencial para que haja o acompanhamento da temática desenvolvida pelo enunciador.

Esse aluno possui um poder aquisitivo melhor do que os demais; frequenta a escola regularmente e sua mãe (graduada) é funcionária da instituição, assim está sempre acompanhando o desenvolvimento do filho. Este não apresenta o hábito de leitura, frequentou poucas vezes a biblioteca da escola e quando ia buscava por gibis (gênero oral).

<b>TEXTO III</b>	<b>ORTOGRAFIA</b>	<b>FONÉTICA</b>	<b>CONCORDÂNCIA</b>	<b>Ai</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
alcolicas	X				x
pessouas	X	X			
selebridades	X				
bafometro					
assidentes	X				
porcausa	X	X			
aucoolicas	X				
consimia	X				
(ELA) dirigiam			X		
de pois	X	X			
prinsipalmente	X				
Al				X	
porisso	X	X			

#### **TEXTO IV**

##### ***Jornal dia de Hoje***

*Na escola \*\*\*\*\* , eu gosto muito dessa escola mas está precisando melhorar a higiene da escola.*

*Aqui na escola tem que mudar muitas coisas.*

*Por exemplo, no banheiro das meninas tem varias bacias quebrada, e entupida não tem papel higienico . Nem sempre o banheiro está limpo.*

*Todo dia é sempre a mesma coisa, o banheiro sempre ta do mesmo jeito.*

*Antes a direção colocava papeis higienico nos banheiros, mas não colocam mais, por que estavam pegando o rolo jogava na bacia e dava descarga e até entupia.*

*Para solucionar este probrema deveriam colocar uma tia da limpeza nos intervalos na porta do banheiro cada pessoa que fosse usar pedia um pedaço de papel. Assim não haveria mais pobremas.*

Esse aluno optou por fazer uma notícia, uma das formas de se relatar.

Os dois primeiros parágrafos são repetitivos e poderiam ser unificados, além de se retirar o comentário explícito no primeiro parágrafo. Este comentário serviu como um modalizador, ou seja, a aluna despiu-se de qualquer chance de ser acusada de não gostar da instituição, assim a crítica seria considerada positiva, ou ainda, se sente coagido pela instituição criticada.

A relação estabelecida é de formalidade, como percebemos pelo uso do pretérito perfeito pouco utilizado na linguagem oral e característica da modalidade escrita.

Quanto à coesão, verificamos que há poucas repetições e a pontuação não segue uma linearidade canônica; encontramos também , escrita fonética presente, ritmo conversacional e supressão de sílabas como em “ta” .

O tempo em que se é escrito não segue uma linearidade adequada, pois há alguns momentos em que os verbos se chocam quanto ao tempo.

Por meio das escolhas lexicais, tais como “bacia” e “descarga”, percebemos que se trata de um descendente de nordestino ou alguém que tenha contato direto com

essa cultura, pois essas variações são típicas da região nordestina e acabam refletidas na produção escrita.

O aluno conhece as algumas normas da língua portuguesa (variante padrão). Porém a oralidade e seus traços sociais estão visivelmente arraigados em sua produção escrita.

<b>TEXTO IV</b>	<b>ORTOGRAFIA</b>	<b>FONÉTICA</b>	<b>FLEXÃO VERBAL</b>	<b>DIGRESSÃO</b>	<b>CONCORDÂNCIA</b>	<b>REPETIÇÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
eu gosto muito dessa escola				X			X
Na escola... Aqui na escola						X	
bacias quebrada					X		
tá	X	X					
papeis higienico					X		
pobrema	X	X					
pedia	X	X	X				

### **TEXTO V**

*Era um dia que eu estava saído com minha família eu fui viajar para casa do meu tio eu estava chegando lá aí eu vi um acidente de, carro o cara estava indo de casa com o carro aí ele foi da avenida aí veio uma moto com uma velocidade que o cara não viu o carro foi uma batida feia o cara da moto voou que ele foi dois metros de altura que ele quebrou as costelas a perna o braço o pescoço que nunca mais andou de moto aí ele ficou andando de cadeira de rodas a mãe dele chorou do ela foi no hospital a do torax falou que ele nunca mais ia andar o pai dele chorou a mãe chorou até o tio a vó o vó*

*ele nunca mais podia andar nem trabalhar.*

É interessante, nesse caso, explicitar o contexto do aluno; trata-se de um menino que não possuía problemas de aprendizagem, mas que desde pequeno era mal tratado pelos pais; aos cinco anos foi encaminhado ao conselho tutelar e passou a viver em um abrigo era marginalizado por não possuir pais; aos oito anos foi adotado e passou a ser marginalizado, agora, por ser adotivo.

Sempre se apresentou tímido tanto na fala quanto na escrita, como pudemos perceber; ele nunca fazia nada em sala, desta forma não tinha como o professor avaliá-lo, mas desta vez a professora foi mais que insistente e ele fez tal produção aqui retratada.

Após ver a produção, a professora mostrou à mãe do aluno que lhe contou toda a trajetória escolar e história de vida.

Portanto neste caso, o contexto explica muitos dos casos ocorridos, pois o aluno, provavelmente, sentia-se coagido e expressava-se pouco. Convém ressaltar que a partir do momento que a professora tomou conhecimento do caso, foi iniciado um novo processo de alfabetização e valorização do aluno como sujeito agente.

Agora vamos aos casos, o texto foi unificado em um parágrafo, não apresentando título; esse conglomerado de informações é organizado pela partícula “aí” característica da linguagem oral, responsável pela interação e retomada de atenção do leitor; esta partícula, que agora passa a funcionar como conjunção, é responsável pela coesão do texto.

Contatamos o aparecimento da escrita fonética tal como 'vuolomje', ritmo conversacional, problemas em divisão silábica como em 'do tora', erros ortográficos 'amda' e pontuação inadequada.

Quanto a organização textual, há coerência na apresentação do relato que está bem inserido no que foi proposto, mas não foi adequado à modalidade escrita.

O emprego das palavras revela um adolescente que possui pouco contato com variante padrão, pois não consegue articular ideias atendendo as especificidades da modalidade escrita.

TEXTO V	ORTO GRAFI A	FONÉTI CA	FLEXÃO VERBAL	CONCOR DÂNCIA	RUPTURA DA LINERIDADE	PARAGRA FAÇÃO	Ai	PONTUA ÇÃO
estava saido	X		X	X				x
(eu) viaja			X					
chegamdo	X							
acidemte	X							
ça imdo	X	X						
ceta	X							
cum uma	X	X						
ocara	X	X						
vuolomje	X	X						
dói	X	X						
autura	X							
que brou	X							
custela	X	X						
pena	X	X						
nuca	X							
andol	X							
cadeira de ro	X				X			
choram do	X							
hos pital	X							
do tora	X							
amda	X							
paidele	X	X						
im mãe	X	X						
atia	X	X						
trabalha	X	X						
ai						X	x	

## **TEXTO -VI**

### ***Antiga infância***

*As casas eram cheias de crianças não havia televisão; ouvia-se gritaria pelas ruas, pega-pega, pique-esconde lá vou eu.*

*Nos dias de hoje não há, pode haver mas são poucas muitas poucas ruas, porque tem muitas crianças que ficam na frente da televisão, do computador do videogame e etc. Por que acontece isso?*

*Porque tem muita tecnologia, mas não é só por isso não, também muitas mães não deixam os seus filhos sair , por que tem medo de acontecer alguma coisa com eles pois tem muito ladrão, estropador e outras pessoas que fazem coisas erradas.*

*Sinto saudades do passado quando meus filhos podiam brincar ;sem eu se preocupar , e todos ficaram felizes sem medo de nada.*

O texto apresenta diálogo com o leitor, por meio de perguntas retóricas, contudo essa interação é formalizada por meio de escolhas tais como 'havia'; esta preocupação é salientada por meio da ultracorreção aparente em ' eu se preocupar'.

Há o emprego da variante padrão, embora haja alguns deslizes, repetição, erros de concordância e eclipse de algumas palavras (deixando ambíguo).

Ao verificar as fichas cadastrais, constatamos que o aluno tem hábito de leitura, constantemente está envolvido em algum projeto; participa das aulas e em relato disse à professora que sua mãe não admitia que ele falasse em gíria dentro de casa, talvez por esses motivos as marcas de oralidade não sejam tão fortes como nos demais textos, mas não são nulas.

TEXTO VI	ORTOGRAFIA	FONÉTICA	FLEXÃO VERBAL	CONCORDÂNCIA	RUPTURA DA LINERAIDA DE	PARAGRAFAÇÃO	PONTUAÇÃO	Diálogo
muitas poucas				X			x	
muitas poucas (crianças)					X			
porque isso acontece?								X
filhos sair				X				
Estruopador	X	X						
eu se preocupar		X	X	X				
ficaram (ficavam)			X					
						X		

### **TEXTO VII**

#### ***A má alimentação nas escolas estaduais***

*Muitos alunos estão reclamando, sobre o alimento que é dado em escolas de rede pública.*

*Eles dizem que, o alimento fornecido pelo governo, vem enlatados. Dizem também, que acharam, cabelos nos pratos, e eles não aguentam mais.*

*Muitos também, não comem mais, na escola, pois dizem que tem nojo.*

*Eles querem fazer um protesto sobre esse problema.*

*Então todos querem divulgar este problema, mesmo tendo muitos vandalos, que atacam comida pelo refeitório.*

*Divulguem esse problema.*

Este aluno possui as mesmas características sociais do aluno do texto anterior, pois são primos e vivem na mesma casa; optei por pegar o texto dos dois para realizar um comparativo, pois ambos estudam em salas diferentes e possuem companhias diferentes.

Bem a temática foi bem distinta, aqui percebemos também que há o estabelecimento de uma relação formal, coerência e alguns problemas de coesão tais como: pontuação e repetição.

O texto é muito redundante, retomando sempre a ideia central , por vezes tornando repetitivo; alguns parágrafos poderiam ser acoplados.

<b>TEXTO VII</b>	<b>ORTOGRAFIA</b>	<b>FONÉTICA</b>	<b>CONCORDÂNCIA</b>	<b>REPETIÇÃO</b>	<b>PARAGRAFAÇÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
estão reclamando sobre						X
é dado em escolas de rede			X			
dizem que,						X
problema				X		
eles				X		
atacam	X	X				
					X	

### **TEXTO VIII**

*(Nome da diretora) na sala de aula do 7ºB e uma bacusa eu assumo e sou bacunheiro eu vejo vários professores sofrendo com dor de cabeça eles estão ficando muito duentes eu acho que vocês da diretoria devia conversar com os alunos. Muitas brigas , brincadeiras de mal gosto, apelidos várias outras coisas.*

*tem priga quase todos dias por causa que eles colocam apelido como: churasco , pudim, farofa, dente de lata, largaticha, fechon, tucano, rola bosta, cotonete, etc... por isso várias brigas.*

*Mas tem aulas que nos alunos somos bons mas confesso são poucas aulas vocês devia chamar os pais para assistir aula sem o aluno saber para o pai ver o filho dele como ele é desejo que você resolva esta situação.*

O aluno optou por escrever uma carta e nela inserir o relato, assim analisaremos apenas a textualidade do relato.

Em um primeiro momento observamos a troca do fonema /f/ por /v/ comuns da modalidade oral, contudo o aluno não oraliza desta maneira o que caberia um segundo estudo para verificar as causas dessas ocorrências que aqui serão tratados como erros ortográficos.

A escrita fonética ('duentes' ) é presente, há o aparecimento do ritmo conversacional, por meio da elipse de pontuações, característicos da linguagem oral; sem mencionar a paragrafação e suas especificidades.

A relação estabelecida é de informalidade, embora o aluno esteja dirigindo-se à diretora da escola, ele não utiliza pronomes de tratamento e vocabulários adequados, optando por uma linguagem mais juvenil próprio de estudantes.

O maior problema presente é a ortografia que é seguida pelos problemas de coesão.

<b>TEXTO VIII</b>	<b>ORTOGRAFIA</b>	<b>FONÉTICA</b>	<b>FLEXÃO VERBAL</b>	<b>CONCORDÂNCIA</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
bacusa	X				x
asumo	X				
bacunheiro	X				
farios	X				
cabesa	X				
vicando	X				
muitos doentes				X	
ajo	X				
devia			X		
confersar	X				
apilidos	X	X			
priga	X				
guaze	X				
porcausa	X	X			
churasco	X				
fachon	X				

largaticha	X	X			
porisso	X	X			
samos	X	X			
convesso	X				
asisitr	X				
fer	X				
resuva	X				

## **TEXTO IX**

### ***Esperto no trânsito***

*Hoje em dia a violência no trânsito tá muito grande. As vezes você demora um pouco no farol e todos ficam buzinando. E também a maioria dos acidentes são ocorridos por falta de responsabilidade no trânsito, vão a festa e bebem e depois vão dirigir e passa a velocidade, a vista embaça, e pode ferir alguém.*

*Então fique esperto ande na linha dirija com responsabilidade, não coloque sua vida nem a de ninguém.*

*RELATO: Um dia um homem e sua filha estavam andando de moto então pararam no sinal vermelho, nisso vinha vindo um carro preto em alta velocidade, quando o carro virou bateu de frente com a moto os dois voaram a menina estava toda ferida com várias queimaduras pelo corpo o pai estava quase morrendo, porque o escapamento da moto estava em cima do seu peito, ver os dois deitados no chão era orível.*

*Chamaram a ambulância, mas o pai estava prestes a morrer, quando chegaram no hospital o pai da menina estava morto. Então foram ver o caso da menina, mas ela também já estava muito fraca e só ficou viva por mais três horas.*

O aluno dividiu marcadamente o texto em tese e relato, analisaremos o relato em sua textualidade e o discurso de uma maneira geral.

A linguagem é formal, no primeiro e informal no relato; a relação estabelecida é de informalidade com construções da variante padrão demonstrando certo grau de formalidade que oscila o tempo todo.

Quanto à coesão utiliza-se de conjunções coordenativas e a pontuação segue a regra e outras vezes não. Percebemos o aparecimento de digressão e supressão de algumas palavras.

É interessante considerar que as dificuldades encontradas no primeiro 'subtexto' é a adequação da linguagem ao tipo de texto escrito, supressão, digressão e marca de ritmo pontuado pelo conector 'e'.

Já no segundo 'subtexto' a pontuação e ambigüidade tiveram maior destaque.

Este aluno tem uma ficha de biblioteca completa, sempre está envolvido com as atividades de língua portuguesa e sua mãe faz parte de todas as atividades realizadas na escola, possivelmente, devido a isto articula relativamente bem as informações, adéqua o vocabulário em relato, contudo há marcas de oralidade tal qual "vinha vindo".

Embora seja um aluno "exemplar", algo intrínseco a fala é reproduzido na escrita, nos ateremos a estes dados na tabela geral.

<b>TEXTO IX</b>	<b>ORTOGRAFIA</b>	<b>FONÉTICA</b>	<b>DIGRESSÃO</b>	<b>COESÃO</b>	<b>PONTUAÇÃO</b>
tá		X			
As vezes	X				

ninguém	X				
vinha vindo	X	X			
orrível	X				
uso da vírgula			X	X	X

## **TEXTO-X**

### **Comida ruim Eca que nojo!**

*A comida da \*\*\*\*\* não faz bem para os alunos.*

*Os alunos reclamam da merenda escolar das escolas estaduais de São Bernardo do Campo, a comida que, chera ruim tem gosto ruim porque é enlatada. Colheres e garfos de plástico, engordurados e mal lavadas.*

*A comida é mais omenos assim, macarrão papa, salada com açuca, arroz e feijão duro e frutas amaçadas e estragadas e etc. O governo mandam a comida ótima, mas as tias da cosinha, não conservam esta comida e dá tudo estragada.*

*A cosinha suja, mal lavada, e as tias usam luvas de limpar banheiro.*

*Os alunos acham pedras cabelos e etc na comida e isso, é uma semvergonhice porque não é elas que comen e os outros alunos.*

*Só pedimos par que o estado mande comida normal porque não somos, cachoros para comer comida enlatada. E também pedimos igiene para todas as tias que fazem a comida.*

O texto é escrito dentro de certa formalidade, o relato tem cunho apelativo, pois se trata de uma notícia.

Observamos escrita fonética, erros de pontuação, concordância e ortografia.

A escrita fonética ('semvergonhice') é presente, há o aparecimento do ritmo conversacional, por meio da elipse de pontuações, característicos da linguagem oral.

TEXTO X	ORTOGRAFIA	FONÉTICA	FLEXÃO VERBAL	CONCORDÂNCIA	REPETIÇÃO	PONTUAÇÃO
eca		X				
vírgula						X
escolar das escolas					X	
chera	X	X				
ruin	X					
garfos mal lavadas		X		X		
omenos	X	X				
papa	X	X				
açuca	X	X				
amaçadas	X					
governo mandam				X		
cosinha	X					
etc					X	
semvergonhice	X	X				
comen	X					
e (é)			X			
cachoros	X					
igiene	X					

Na análise individual, pudemos perceber que a oralidade está presente em todos os textos , de diferentes maneiras, e que ainda está sendo expressa através de produções escritas, embora tenha havido contextualização, quanto à modalidade escrita , e empenho por parte dos docentes ao ministrarem os conteúdos que implicam diretamente à produção escrita.

Levantadas as especificidades, agrupamos alguns conceitos a outros e os sistematizamos em uma única tabela.

### 3.2 TABELA GERAL

<b>FATOS QUE SE AFASTAM DO GÊNERO RELATO</b>	<b>Nº DE OCORRÊNCIAS</b>
Não observância estrutural	5
Falta de coesão/coerência	18
Frases sem desenvolvimento adequado	3
Digressão	3
<b>FATOS QUE SE AFASTAM DA NORMA CULTA</b>	
Concordância	14
Ortografia	90
Pontuação	Todos os textos apresentaram
Abreviação	2
Flexão Verbal	8
<b>FATOS QUE SE APROXIMAM DA ORALIDADE</b>	
Aproximação do leitor	1
Expressão da oralidade	8
Repetição	11
Marca Conversacional	12
Escrita Fonética	48
<b>TOTAL DE OCORRÊNCIAS</b>	<b>223</b>

Separadas e organizadas as informações, verificamos que as marcas de oralidade são expressivas, comparadas à quantidade de textos analisados, principalmente quando se menciona a escrita fonética e a pontuação, pois esta ainda que não pontuada, devido a sua grande variabilidade (que renderia outro tipo de estudo), revela-se como marca de expressão oral, pois é utilizada com discrepância.

Considerou-se que a escrita fonética, repetição, erros de concordância e falta de pontuação adequada foram os principais fatores que aproximaram os textos à modalidade oral, distanciando-se do que foi proposto.

Isto posto, realizamos reflexões sobre as atuais abordagens utilizadas em sala de aula, ou proposta nos manuais de ensino e as dificuldades dos alunos que ainda vem apresentando marcas de oralidade na produção escrita. Esta reflexão, aguçou a necessidade de se buscar novos caminhos e perspectivas que resultaram nas propostas que poderão ser desenvolvidas em sala.

#### **4- PROPOSTAS**

As propostas que se seguem já foram aplicadas em sala de aula e por meio delas obtivemos grandes mudanças nas produções escritas dos alunos, assim sendo acreditamos que poderá auxiliar a outros professores. Elas estarão direcionadas a assuntos específicos e por fim explicaremos uma abordagem que abrange o texto em sua totalidade discursiva.

##### **I- Textualidade**

Serão tratados os erros de composição de parágrafo, coerência, coesão.

O professor se valerá de um rolo de papel sulfite colado a outras folhas, ele escreverá o início de uma história e passará para o primeiro aluno; este lerá o que o professor escreveu e continuará a história, depois disso dobrará a parte escrita pelo professor de modo que o próximo aluno só possa ler o que o aluno anterior escreveu e assim vão se repetindo os atos de escrever e ocultar. Depois que todos

escreverem, o professor passará o texto, sem sentido, na lousa. Haverá estranhamento, pois o texto estará composto por um amontoado de frases enumeradas, sem coerência e coesão.

Aos alunos caberá a missão de conceber um texto valendo-se apenas daquelas frases, de modo que não fique nenhuma de fora; poderão utilizar elementos coesivos e eliminar repetições.

Essa atividade poderá ser realizada em duplas, e o professor os auxiliará supervisionando os trabalhos, dando palpites, sanando dúvidas. Assim, os alunos sairão do plano teórico para o prático, conduzidos pelo professor poderão vivenciar o conhecimento sem ater-se apenas às nomenclaturas que acabam dificultando a aprendizagem, pois ficam tensos no momento de escrita preocupando-se com a introdução, desenvolvimento e conclusão.

Para empolgá-los, este trabalho pode ser divulgado, no mural da escola, blog ou até mesmo exposto em sala de aula, desta maneira eles não ficarão presos a um único leitor e se policiarão já que serão avaliados por mais de um leitor.

## **II- Ortografia**

A ludicidade é muito importante no aspecto ortográfico, pois os alunos já possuem certa oposição à temática, assim devemos focalizar a correção por parte deles, porque muitas vezes os alunos não verificam os textos corrigidos pelos professores, limitam-se a olhar a nota e depois se desfazem do trabalho sem haver uma reescrita ou acompanhamento de seus erros.

O professor deverá fazer um levantamento dos erros ortográficos de maior frequência entre os alunos, esses erros deverão ser expostos na lousa sem que seja revelada a autoria, os alunos, em duplas, estarão com o dicionário; eles deverão procurar a forma correta de escrita de cada palavra e formar duas frases com o emprego delas.

Outra maneira é a exposição das regras ortográficas que regem as palavras tidas como erradas, depois disso serão distribuídas folhas de sulfite a todos os alunos que as dividirão, por meio de linhas, em 25 quadradinhos formando uma cartela de bingo.

O professor colocará na lousa as possibilidades de escritas ortográficas, por exemplo, G, J, SC, SS, CH entre outros; os alunos escolherão 15 casos e escreverão nos quadradinhos sem repetir nenhum caso na vertical.

EX.:

<b>B</b>	<b>I</b>	<b>N</b>	<b>G</b>	<b>O</b>
X	J	Z	CH	G
CH	SC	G	SS	Z
SS	S	X	J	X

O professor levará escritas diversas palavras, obedecendo aos casos estudados, que deverão ser antecidas pelas iniciais da palavra bingo. O procedimento é igual ao bingo, ganhará o aluno que possuir cartela cheia e que esta esteja correta, se estiver errada, o aluno poderá retornar apagar o que estiver errado e continuar o jogo. As palavras 'cantadas' bingo deverão ser escritas ao lado das letras.

A premiação é opcional, mas sugerimos que haja até o quinto lugar e que haja o reconhecimento por parte dos professores.

### **III- Repetição/ incoerência**

O professor levará um texto cheio de repetições e juntamente com os alunos fará a leitura; depois de realizada a leitura, o professor recolherá os pareceres, o que os alunos acharam daquele texto. Feito isto, levantarão as possibilidades de troca, por pronomes, sinônimos, palavras de campo semântico parecido que não comprometem a mensagem do texto.

Desta forma, quando os alunos constatarem repetição, eles poderão fazer trocas e articular melhor as ideias com autonomia, pois em um primeiro momento possuíram uma prática direcionada e contextual para posteriormente realizarem as atividades individualmente, perpassando o campo da correção sem reflexão.

Quanto a incoerência, pode-se realizar, em um primeiro momento exercícios orais em que o professor se torna incoerente; os alunos perceberão e questionarão a postura do professor que poderá pedir uma explicação do que pode estar errado em seu discurso, assim os alunos criarão alternativas para solucionar o 'problema' do professor. Com base em uma explicação geral, poderão ser realizados exercícios escritos retirados dos próprios textos deles, sem revelar autoria, desta forma eles refletirão sobre a própria prática escrita.

#### **IV- Marcas de oralidade**

##### **Telefone sem fio.**

O professor pede para que se juntem em duplas, depois escolhe um de cada dupla e os leva para fora da sala de aula; lá conta uma história que fica a critério do docente e diz aos alunos que, ao voltarem à sala de aula, contem a mesma história para a dupla. O aluno que ficou dentro da sala de aula deverá escrever tudo o que o amigo contar, da maneira como ele contar, ou seja, se o aluno disser 'ai eu não me lembro' o outro deverá escrever, se o aluno parar a palavra no meio e continuar com outra, ambas deverão ser escritas da maneira como foi pronunciada.

Terminada essa fase, o redator deverá ler para a sala como ficou o texto, então haverá a oportunidade de mencionar a variedade linguística e a inadequação. Terminada a socialização dos textos, as duplas deverão trocá-los e farão uma revisão, passando da escrita da oralidade para uma produção textual atentando-se às regras que se seguem.

- Organizar o roteiro das ideias.
- Escrever na ordem direta (suj. + verbo+ predicado);
- Abusar de pontos finais.
- Cortar palavras desnecessárias.
- Substituir as repetições.

Depois da produção do texto, o professor poderá expor ambas as produções, nas outras salas para que os alunos do mesmo ano possam ler a produção dos colegas de outras salas.

## **V- Geral**

Esta proposta é um pouco mais trabalhosa, mas pode ser modificada de acordo com a série e as dificuldades da classe; foi encontrada na obra “Da fala para a escrita: atividades de retextualização”, de Marcuschi. Trata-se de processos de operações traçadas pelo autor partindo da eliminação de marcas interacionais, até o agrupamento/ síntese de argumentos.

Seguem abaixo as operações:

1ª- Eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes das palavras.

2ª- Introdução de pontuação.

3ª-Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos.

4ª- Introdução da paragrafação e de pontuação detalhada.

5ª-Introdução de marcas metalingüísticas para a referenciação de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos (*estratégia de reformulação*, objetivando explicitude);

6ª- Reconstrução de estruturas truncadas, concordância, reordenação sintática e encadeamento.

7ª- Substituição de léxico visando maior formalidade.

8ª-Reorganização de sequências argumentativas.

9ª-Agrupamento de argumentos condensando idéia.

Os alunos devem ter acesso a esse processo de operacionalização. Sempre que terminarem de produzir um texto, poderão consultar o modelo para verificar se sua produção está de acordo com os padrões da modalidade escrita. Ou até mesmo, o professor poderá solicitar uma retextualização antes de o produto final ser entregue.

A realização das operações de retextualização podem se tornar um meio pelo qual os alunos da referida série poderão ter contato com o que se é necessário no determinado gênero textual e o que não é adequado. Como a retextualização será feita por eles, ao revisarem os textos identificarão quais características da fala se repetem com freqüência em suas produções; desta maneira, em outra produção textual os discentes poderão ater às suas dificuldades individuais, pois quando se entrega uma correção pronta não há grande valorização por parte dos alunos do que deve ser modificado na escrita, mas sim há supervalorização da nota que tem se obtido, porque geralmente os professores não pedem retextualização das produções escritas; o que abrangeria a compreensão das peculiaridades e dificuldades individuais na escrita.

## 5-CONSIDERAÇÕES

Nosso objetivo geral foi além de descrever e pontuar as marcas de oralidade mais presentes nos textos escritos, propor novas abordagens e evidenciar como o meio social influencia a modalidade escrita.

Essas reflexões forneceram um panorama geral da diversidade na produção de cada aluno, bem como seus resultados e usos que estarão de acordo com o gênero textual em questão que definiu o tipo de discurso, fornecendo características, tais quais a aceitabilidade ou não das marcas de oralidade.

Considerando os fatores acima, pode-se afirmar que há lacunas na compreensão dos mecanismos da escrita, ou ainda, que as abordagens de ensino não abrangem as diferentes formas de assimilação; este fato pode ser atribuído às aulas de língua portuguesa, pois nossa vivência no âmbito escolar possibilitou a constatação de que ainda há profissionais que se valem apenas da observação da fala para realização ou ensinamento da modalidade escrita. Devemos sim nos valer do contexto do aluno, contudo isso não implica dissociadamente a utilização da fala para esse fim.

Segundo PERINI (2003), não escrevemos o que falamos e nem falamos o que escrevemos; enquanto falamos organizamos frases que fogem à gramática normativa, sem considerar, ainda, os elementos orais, responsáveis pelo preenchimento de lacunas (aa, né?, hum) que na escrita não são aceitos, isto pudemos constatar por meio da análise dos textos.

É de suma importância que os alunos tenham conhecimento dos elementos diferenciadores entre a fala e a escrita, para tal poderão ser aplicadas as propostas sugeridas, juntamente com outras que poderão ser desenvolvidas.

Seguramente a alteração das práticas de ensino de modalidade escrita demanda tempo e empenho, pois é necessário desconstruir a ideia de que a escola é um ambiente ao qual é incumbido de se ministrar regras gramaticais dissociadas à produção escrita e que o conceito de que a modalidade escrita é a sistematização gráfica da modalidade oral.

Isto posto, convém ressaltar que este é apenas o início de um longo campo de

pesquisa que se enveredará por diversos temas, de modo que implicará em uma nova postura a ser adotada pelos docentes e uma constante reflexão sobre as abordagens atuais, resultados e novas dificuldades apresentadas; visto que a língua é um instrumento vivo, assim sendo, mesmo que consigamos sanar as atuais dificuldades, outras poderão surgir o que resultará uma constante prática reflexiva.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, Diana Luz Pessoa. *Entre a fala e a escrita: algumas reflexões sobre as posições intermediárias*. In: PRETI, Dino (Org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2006.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemos na escola e agora? - sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola, 2005.
- BRANDÃO, Helena Negamine. *Gêneros do discurso na escola (org.)*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria da Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1988.
- BRITO, Luiz Percival Leme. *Em terra de surdos mudos*. In: *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 2006.
- FARACO, Carlos; MOURA, Francisco. *Para gostar de escrever*. São Paulo: Ática, 1994.

- FÁVERO, Leonor; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez, 2009.
- GERALDI, João Wanderley (ORG.). São Paulo: Ática, 2004.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente- a língua que estudamos e a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2007.
- KATO, Mary A. *No mundo da escrita – uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1987.
- KOCH, Ingedore; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 1998.
- KOCH, Ingedore. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1998.
- KOCH, Ingedore; SILVA, Maria Cecília. *Linguística Aplicada ao Português: Morfologia*. 16.ed-São Paulo: Cortez, 2007.
- LEITE, Marli Quadros. *Língua falada: uso e norma*. In: PRETI, Dino. *Estudos de língua falada- variações e confrontos*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2004.
- POSSENTI, Sírio. *Mal comportadas línguas*. Paraná: Criar edições, 2002.
- RODRIGUES, Ângela C. Souza. Língua Falada e língua escrita. In: PRETI, Dino (org.). *Análise de textos orais*. 6ª ed. São Paulo: Humanitas,
- SANTOS, Irenilde Pereira dos. *A variação linguística e a política ensino/domínio da língua materna*. Projeto Ipê. Língua Portuguesa. O currículo e a compreensão da realidade. São Paulo ( Estado) Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991.
- SILVIERA, Regina. *Uma pronúncia do português brasileiro*. São Paulo: Cortez, 2008.
- TARRALO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

### **Sites, artigos e teses**

ARAÚJO, Karen Elisabeth Földes de. *O estudo da manifestação da oralidade em produções escritas de alunos*. Disponível em:

<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09122009-141214/pt-br.php>

CABRAL, Marina. *Narração e Narratividade*. Disponível em :  
<http://www.brasilecola.com/redacao/narracao.htm>

CARNEIRO, Eduardo de Araújo; CARNEIRO, Egina Carli de Araújo Rodrigues. *Notas introdutórias sobre a análise do discurso*. 2007. Disponível em:  
<http://www.duplipensar.net/artigos/2007s1/notas-introductorias-analise-do-discurso-fundamentos.html>

COSTA, Giselda dos Santos. *Texto e Coesão textual*. Disponível em:  
<http://www.scribd.com/doc/4317378/texto-e-coesao-textual>

DUARTE, Vânia. *O relato pessoal*. Disponível em: <http://www.escolakids.com/o-relato-pessoal.htm>

PEDROSA, Cleide Emília Faye. *ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO UMA PROPOSTA PARA A ANÁLISE CRÍTICA DA LINGUAGEM*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/3/04.htm>

PEDROSA, Cleide Emília Faye; OLIVEIRA, Derli Machado de; DAMACENO, Taysa Mércia dos Santos Souza. *Caminhos Teóricos e Práticos em análise crítica do discurso*. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_1/646-691.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/646-691.pdf)

PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009. Tradução efetuada a partir do original em francês por :Angela Maria da Silva Corrêa. *Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional*. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>

